

QUAREZEMIN. Cartografia Sintática: uma entrevista com Sandra Quarezemin. *ReVEL*, v. 22, n. 43, 2024. [www.revel.inf.br].

## **Cartografia Sintática: uma entrevista com Sandra Quarezemin**

Dra. Sandra Quarezemin<sup>1</sup>

### **1) Quais foram as condições da emergência da Cartografia Sintática? Como nasceu a Cartografia?**

A Cartografia emerge por volta do início dos anos noventa como um programa de pesquisa inserido na Teoria de Princípios e Parâmetros. Os estudos cartográficos foram primeiramente compartilhados em uma série de colóquios realizados na Itália, no final dos anos 90, tornando-se amplamente conhecidos por meio da publicação dos três primeiros volumes da série da Oxford University Press, *The Cartography of Syntactic Structures* (cf. Cinque, 2002; Belletti, 2004; Rizzi, 2004). A Cartografia segue o “Princípio da Uniformidade<sup>2</sup>” de Chomsky (2001) como uma reação ao estruturalismo americano, que pressupunha que as línguas poderiam se diferenciar umas das outras de modo imprevisível e sem limite. Uma reação instaurada na história da gramática gerativa contra a proposta de analisar uma língua sem se guiar por um esquema preexistente do que uma língua deve ser. Dessa forma, a Cartografia assume que todas as línguas compartilham os mesmos princípios de estruturação de sintagmas e sentenças, tendo o mesmo ‘esqueleto’ funcional em sintagmas e frases (cf. Cinque; Rizzi, 2010b).

Em linhas gerais, pode-se dizer que o fator principal que desencadeou o programa de pesquisa cartográfico foi a ‘explosão’ de núcleos funcionais identificados

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Bolsista CNPq-1D, processo 316375/2021-7.

<sup>2</sup> Na ausência de evidências convincentes do contrário, assumo que as línguas são uniformes, variando apenas em suas manifestações superficiais, presentes nos enunciados.

e, algumas vezes implícitos, em análises sintáticas nos primeiros dez anos do modelo de Princípios e Parâmetros. Tudo começou com a extensão plena da Teoria X-barras aos elementos funcionais da sentença em *Barriers* (Chomsky, 1986)<sup>3</sup>, além da observação de que outras configurações, como os sintagmas nominais, também teriam uma estrutura hierárquica formada por uma projeção lexical encaixada dentro de uma estrutura funcional, como a hipótese DP de Abney (1987). Segundo Shlonsky (2021, p. 14), Chomsky foi o primeiro a desenvolver um estudo cartográfico, quando analisou formalmente o sistema auxiliar do inglês (ter, ser/estar e modais), buscando identificar o modo como esses morfemas funcionais se organizavam na estrutura. Esta observação emerge do fato de que a Cartografia é concebida como uma tentativa de desenhar mapas precisos e detalhados das configurações sintáticas. Segundo Cinque e Rizzi (2010a), se a investigação das estruturas sempre foi o ponto central da gramática gerativa, a proposta de voltar a atenção para os mapas estruturais interage e segue um caminho paralelo ao Programa Minimalista. A proposta é que sintagmas e sentenças são formados por uma estrutura lexical e uma estrutura funcional mais alta, correspondendo a blocos hierarquicamente organizados. Outro ponto de destaque é a observação de que o domínio funcional apresenta mais do que um núcleo.

O VP-shell de Larson (1988) pode ser considerado o primeiro trabalho inserido nessa extensão da teoria X-barras. O autor verificou que a representação de múltiplos complementos envolveria uma estrutura interna complexa, um VP articulado em camadas, como uma concha. A partir dessa proposta, outros estudos defenderam um espaço maior dentro de VP, mostrando novas formas de tratar as alternâncias de argumentos por meio da articulação entre um VP hierarquicamente organizado com o alicerce de verbo e o movimento do NP (cf. Hale; Keyser, 1993). Essas investigações possibilitaram a distinção vP-VP, proposta por Chomsky (1995). Um tratamento paralelo à proposta de Larson foi dado por Pollock (1989) ao investigar diferentes categorias funcionais no domínio flexional. Para o autor, apenas o núcleo I(nfl) não seria suficiente para explicar as diferentes posições que podem ser preenchidas por formas morfológicas distintas do verbo em francês. O argumento principal de Pollock é que os verbos finitos aparecem em uma posição mais alta do que a negação, enquanto

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que a teoria X-barras presente em *Remarks on Nominalization* (Chomsky, 1970) restringia-se às categorias lexicais, sendo para Chomsky a combinação dos traços [N] e [V]. Neste época, as categorias funcionais, como tempo e complementizadores, não apareciam no sistema X-barras.

os verbos não-finitos aparecem abaixo da negação. A conclusão do autor é a de que os primeiros se movem para um núcleo funcional mais alto, e os verbos não-finitos podem ou permanecer na sua posição de base em VP ou se mover para um núcleo funcional intermediário. Pollock recorre aos advérbios para identificar essa posição intermediária de núcleo e a teoria X-barra, que embora tenha restringido a ‘forma’ das estruturas sintáticas, não restringiu formalmente o número e o conteúdo dos núcleos e categorias.

Ainda que o termo Cartografia só tenha sido cunhado uma década depois da publicação de Pollock (1989), este estudo foi sem dúvida alguma de grande impacto para a Cartografia, pois o autor demonstrou que Infl não poderia ser analisado como um núcleo unitário. Assim, o núcleo I passou a ser dividido em dois núcleos: Agr (pessoa e número) e T (tempo), ambos projetando sintagmas de acordo com o esquema X-barra. A investigação de Pollock permitiu um avanço nas pesquisas interlinguísticas acerca do domínio flexional. Cinque e Rizzi (2010a) afirmam que a análise de Pollock reuniu duas linhas de pesquisa consideradas componentes básicos das investigações cartográficas: as propriedades de ordem de palavras dos verbos com relação aos advérbios e argumentos (com relação ao movimento de núcleo), e a proposta de que a morfologia flexional é construída na sintaxe, como o resultado de regras de movimento envolvendo raízes e afixos. A análise dos modais e dos auxiliares no inglês, realizada por Chomsky (1957), já tinha mostrado que os pedaços da morfologia flexional não são unidos no léxico, mas na sintaxe. O que Pollock fez foi relacionar essa ideia com o movimento do verbo, mostrando que a subida do verbo ocorre para que ele possa buscar o material flexional relevante.

Belletti (1990) propõe que Agr seja a projeção funcional mais alta da sentença, garantindo a relação de concordância sujeito-verbo, enquanto T ficaria mais baixo, resultando na ordem AgrS–T. Esta ordem reflete a ordem de prefixos ou partículas em línguas bantu, por exemplo. Mas, levando em consideração as línguas românicas, verifica-se uma imagem especular (nos moldes do *Mirror Principle*, de Baker, 1985) dessa ordem, formando a sequência T–AgrS. Cabe observar que a estruturação da morfologia flexional por meio do movimento de núcleo aliada à investigação da ordem de argumentos e adjuntos relacionados a diferentes formas verbais possibilitou uma divisão refinada do domínio flexional em uma sequência de núcleos funcionais capazes

de acomodar propriedades de modo e modalidade, tempo, aspecto, voz. Diante desse cenário, a pergunta que se colocou foi: quão rica poderia ser a estrutura funcional (correta) das sentenças e sintagmas? Embora não se tenha uma resposta para essa pergunta, a Cartografia assume como hipótese de trabalho que cada traço morfossintático corresponde a um núcleo sintático independente tendo uma posição específica na hierarquia funcional, seguindo o Princípio proposto por Kayne (2005) de ‘Um traço – Um núcleo’ (*One feature – One head*). Essa hipótese de trabalho se tornou a diretriz metodológica guia do trabalho dos estudiosos da Cartografia Sintática.

A metodologia cartográfica está fundamentada no Princípio da Uniformidade, como mencionado acima, disso decorre que as hierarquias das projeções funcionais que dominam VP, NP, AP, PP, IP, entre outros, devem ser universais quanto ao tipo de núcleo e especificadores projetados. As línguas podem variar com relação aos tipos de movimento que admitem ou quanto ao fato de um núcleo e especificador ser visivelmente realizado ou não. A correlação que pode ser feita é a seguinte: se um determinado núcleo funcional é morfologicamente realizado em alguma língua, então, este núcleo deve estar presente em outras línguas, independentemente de apresentarem evidência para ele ou não. Os resultados dos estudos cartográficos constituem um forte argumento para a universalidade da hierarquia funcional, também abrem espaço para uma questão difícil de ser respondida: o que explica a ordem ou a hierarquia particular em que os traços funcionais aparecem?

Cinque (1999) investiga o ordenamento dos advérbios nas frases, evidenciando a inadequação de tratá-los como adjuntos. A partir de testes de transitividade, o autor mostra que os advérbios são rigidamente ordenados através das línguas, propriedade que não pode ser capturada pela análise de adjunção à projeção máxima. Outro teste apresenta um verbo entre dois advérbios, a fim de verificar a possibilidade de ordenação entre eles. Cinque verifica que um verbo do italiano no particípio passado pode figurar entre pares de advérbios em diferentes ‘alturas’ da sentença, concluindo que os advérbios são especificadores de núcleos que podem alojar o verbo alçado. Por fim, o autor mostra que a ordem rígida dos advérbios pode ser relacionada à ordem fixa de núcleos visivelmente realizados através das línguas, como os afixos flexionais, as partículas funcionais, os auxiliares. Segundo Cinque (1999), os advérbios poderiam

ser a manifestação visível de traços funcionais distintos, mas realizados na forma de especificador, não de núcleos.

Além da expansão do domínio flexional, que permitiu ‘sintatizar’ o aspecto, o tempo e o modo, a Cartografia Sintática abriu as portas para o estudo formal da estrutura de informação. Rizzi (1997) foi o primeiro a investigar o domínio complementizador, chamado por ele de periferia esquerda da sentença. O autor verifica a ocorrência de núcleos funcionais com conteúdo semântico/pragmático, reafirmando, assim, o papel central dos traços como blocos para a construção das representações estruturais. De acordo com Rizzi, tópico e foco devem ser estruturalmente organizados seguindo o esquema X-barra, como projeções dos núcleos Top e Foc, respectivamente. O autor também recorre ao estudo comparativo das línguas para desenhar um mapa detalhado do domínio CP, estruturando, além de Top e Foc, um núcleo interrogativo (Int), interrogativo de encaixada (Q<sub>emb</sub>), núcleo de advérbio frontado (Mod). A partir dos estudos de Rizzi, verifica-se uma aproximação entre a sintaxe formal, a semântica lexical, de aspecto e tempo e a estrutura da informação. Ao aproximar esses domínios de pesquisa, a Cartografia contribui para uma melhor compreensão das questões de ‘interface’ ou da relação da computação sintática estreita com o significado e o uso (cf. Shlonsky, 2010). Esta metodologia de trabalho pode ser uma das razões pela expansão dos estudos cartográficos em outros domínios, como as diferentes posições de sujeito, a periferia baixa (de VP), a organização interna de DP, a estrutura dos sintagmas preposicionados, a ordem dos adjetivos, a estrutura interna e a composição de traços de número e grau nas palavras.<sup>4</sup> Além disso, Rizzi (2013, p. 123) aponta que as investigações dos mapas detalhados dos sistemas CP e IP, que começaram com as línguas românicas e germânicas, estão distribuídas em diferentes línguas e família de línguas, como fino-úgricas (Puskas, 2000), semíticas (Shlonsky, 2000), eslávicas (Krapova & Cinque, 2008), africanas

---

4 O leitor interessado na discussão destes tópicos pode consultar os seguintes trabalhos:

- (i) posições distintas de sujeito – Poletto (2000), Shlonsky (2000), Cardinaletti (2004), Rizzi e Shlonsky (2007)
- (ii) tópico e foco em posições baixas, na periferia VP – Belletti (2001, 2004a)
- (iii) domínio nominal – trabalhos reunidos em Cinque (2002)
- (iv) estrutura do sintagma preposicionado – trabalhos reunidos em Cinque e Rizzi (2010b)
- (v) sintaxe dos adjetivos – Cinque (2010); Laenzlinger (2005); Svenonius (2008)
- (vi) estrutura interna das palavras – Kayne (2005a,b, 2006)

(Aboh, 2004), bantu (Bilola, 2013), crioulas (Durrleman, 2008), asiáticas (Tsai, 2007; Endo, 2007; Saito, 2012), dravidianas (Jayaseelan, 2008), austronésias (Pearce, 1999), clássicas (Salvi, 2005), etc.

## **2) A Cartografia completa 25 anos no Brasil: como a Cartografia chegou no Brasil? Qual foi o cenário de recepção desse programa aqui? Passados esses 25 anos, qual o balanço até aqui?**

Para responder essa pergunta recorri ao meu querido mestre e orientador professor Carlos Miotto, que foi quem inseriu a pesquisa cartográfica no Brasil. Em 1998, ele realizou um ano de estágio pós-doutoral na Università Degli Studi di Siena, sob a supervisão de Luigi Rizzi. Nessa época, Rizzi havia recém publicado o clássico texto *The Fine Structure of the Left Periphery*. Miotto, então, aproveitou a oportunidade para verificar como a periferia esquerda da sentença – explorada e detalhada por Rizzi – seria estruturada na gramática do português brasileiro (PB). O interesse de Miotto foi o de verificar se havia algum núcleo funcional visível no PB que indicasse a realização morfológica dos subsistemas de CP previstos por Rizzi, Force-Fin e Top-Foc. Quando retornou ao Brasil, publicou em 2001 um dossiê sobre o sistema CP no PB, na revista *Letras* da UFPR.<sup>5</sup> A partir da publicação deste trabalho, o interesse pela pesquisa cartográfica no Brasil veio à tona. Ainda no ano de 2001, os professores Luigi Rizzi e Adriana Belletti vieram à Florianópolis ministrar cursos sobre a periferia esquerda da sentença e a periferia VP na UFSC. Lembro-me como se fosse hoje, era estudante de graduação em Letras, bolsista PIBIC sob a orientação de Miotto, participei dos dois cursos. Por uma semana, na parte da manhã, Rizzi mostrava as evidências que levaram ao desdobramento do sistema CP, enquanto na parte da tarde, Belletti explorava as propriedades sintático-semânticas que evidenciavam a presença de projeções de tópico e de foco na área baixa da sentença.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Este texto pode ser acessado em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18409/11982>.

<sup>6</sup> Registro aqui um agradecimento especial à professora Maria Cristina Figueiredo Silva, que não mediu esforços para que os alunos que não dominavam o inglês na época pudessem acompanhar os cursos. De tempo em tempo, Cristina fazia um apanhado em português do que os professores haviam tratado. Foi essencial para que os alunos de graduação, assim como eu, pudessem entender melhor a discussão da análise cartográfica.

Antes da ida do Miotto para a Itália, considerada o berço da Cartografia, a professora Maria Cristina Figueiredo Silva realizou o seu doutorado na Université de Genève, entre 1990 a 1994, sob a orientação de Luigi Rizzi. Nessa época, a Cartografia Sintática ainda estava iniciando, mas já havia sido publicado o estudo de Pollock (1989) sobre a divisão do núcleo funcional I. Cristina defendeu uma tese sobre a posição do sujeito no PB, olhando para a distinção entre sentenças finitas e não-finitas. Este estudo foi publicado em livro, no ano de 2006 pela Editora da UNICAMP.<sup>7</sup> É possível dizer que a professora Cristina teve certa influência na decisão de Miotto de realizar o seu pós-doutorado em Siena, ela foi quem apresentou o professor Luigi Rizzi para ele.

Como um ciclo natural, outros estudantes brasileiros interessados em Cartografia foram estudar na Itália, contribuindo com a disseminação desse programa de pesquisa no Brasil. Entre os estudantes que foram para a Itália, com o objetivo de aprofundar os estudos da gramática do português brasileiro na perspectiva da abordagem cartográfica, estão Simone Guessier, que realizou o mestrado (2005-2007) e o doutorado (2008-2011) em Siena, sob a orientação de Adriana Belletti, tendo realizado ainda um período de sanduíche na Suíça, sob a orientação do professor Ur Shlonsky; esta entrevistada, que realizou parte do seu doutorado também em Siena, um período sanduíche (2008-2009), sob a orientação de Adriana Belletti; Poliana Camargo Rabelo, fez um período sanduíche no doutorado (2008-2009), em Florença, sob a orientação de Maria Rita Manzini; Aquiles Tescari Neto, que desenvolveu a pesquisa de doutorado (2009-2013), em Veneza, sob a orientação de Guglielmo Cinque; mais recentemente, Letícia Kriek, que assim como eu e Poliana, está desenvolvendo um período da pesquisa de doutorado (2024), em Pádua, sob a orientação de Cecilia Poletto.

De certa forma, era esperado que no regresso ao Brasil estes estudantes seguissem desenvolvendo pesquisas sob a ótica da Cartografia. E foi justamente isso que aconteceu. Alguns desses estudantes tornaram-se professores universitários, criaram uma rede de pesquisa, com seus orientandos e colegas de área, as publicações aumentaram, expandindo, conseqüentemente, o interesse no programa cartográfico. Atualmente, temos grupos de pesquisa que adotam a abordagem cartográfica

---

<sup>7</sup> FIGUEIREDO SILVA, M. C. A Posição Sujeito Em Português Brasileiro - Frases Finitas e Infinitivas. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1996. 201p.

espalhados pelo país: em Brasília (UnB), Campinas (UNICAMP), Florianópolis (UFSC), Rio de Janeiro (UFRJ), em Salvador (UFBA).<sup>8</sup> Interessante pontuar que esses grupos abarcam todos os domínios de investigação cartográfica no PB e em outras línguas, desde a estrutura interna do sintagma nominal até os fenômenos caracterizados por Rizzi como sendo de escopo-discursivo. Alguns desses grupos estão mais voltados para o estudo da periferia esquerda da sentença, investigando as propriedades sintáticas das frases relativas, interrogativas, clivadas, e, até mesmo, pontos relacionados aos atos de fala; outros grupos estão mais centrados no *middlefield*, analisando questões de tempo, aspecto, modais, ordem dos advérbios e dos adjetivos; outros olham para diferentes tipos de sentenças (e fenômenos) que envolvem foco e tópico nos dois extremos da estrutura, zonas CP e VP, além da cartografia de posições do sujeito. Importante destacar que, recentemente, a metodologia cartográfica também tem sido utilizada em questões voltadas ao ensino de gramática na educação básica.

A Cartografia também foi bem recebida no Brasil em eventos da área de linguística formal. Em 2018, foi realizado em Florianópolis o *III Encontro Internacional de Sintaxe e Semântica & Interfaces* (EISSI), na ocasião estiveram presentes como convidados Angelika Kratzer (University of Massachusetts Amherst) e Luigi Rizzi (Università Degli Studi di Siena/College de France). Além de minicursos e palestras, os dois professores participaram de um debate, que tratou de aspectos semânticos incorporados pela análise sintática cartográfica do domínio CP. No ano seguinte, em 2019, aconteceu na UFSC o *Workshop on Subject, Topic and Clausal Architecture*, com a presença de Ian Roberts (University of Cambridge) e Anna Cardinaletti (Università Ca'Foscari di Venezia). Na ocasião, um curso sobre a Cartografia das Posições de Sujeito foi ministrado pela professora Cardinaletti. O

---

<sup>8</sup> Registro aqui os colegas que participam desses grupos de pesquisa cartográficos. Na UnB, temos o GECS – Grupo de Estudos de Cartografia Sintática – com a colaboração dos professores Paulo Medeiros Junior, Marcus Lunguinho, Helena Guerra Vicente, Simone Guesser, Ani Carla Marchesan e Núbia Saraiva Ferreira. Na UNICAMP, o professor Aquiles Tescari Neto coordena o LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino (<https://sites.google.com/view/lacasa-pesquisaeensino>). Na UFSC, temos o NEG – Núcleo de Estudos Gramaticais (<https://neg.cce.ufsc.br>) – e o LALESC – Laboratório de Linguística nas Escolas (<https://www.lalesc.com.br>) – coordenados pelas professoras Roberta Pires de Oliveira e Sandra Quarezemin, respectivamente. Na UFRJ, a professora Adriana Leitão Martins coordena o BioLing – Biologia da Linguagem (<http://www.bioling.letras.ufrj.br>). Na UFBA, temos o Move! – Núcleo de Estudos sobre o Movimento do Verbo – (<https://cfcpinto.wixsite.com/move>), coordenado pelo professora Carlos Felipe da Conceição Pinto.



professor Roberts conduziu um curso sobre a Teoria da Variação Paramétrica, abordando a visão de Princípios e Parâmetros no século XXI, com ênfase no parâmetro do sujeito nulo. Neste curso, Ian Roberts tratou de questões que não estão presentes na agenda de pesquisa minimalista, mas que são cruciais para a Cartografia, por exemplo, o questionamento a respeito da forma como os macroparâmetros (se realmente existem) podem ser acomodados em uma Gramática Universal (GU). Afinal de contas, a riqueza das estruturas descobertas pelos cartógrafos sintáticos levanta a hipótese de que os parâmetros são propriedades formais de traços morfossintáticos, o que leva Kayne (2005b) a defender que a GU impõe o máximo de um traço sintático interpretável por elemento lexical ou funcional (núcleos com mais de um traço são compostos por movimento).

Em 2022, foi a vez de Ur Shlonsky (Université de Genève) e de Xavier Villalba (Universitat Autònoma de Barcelona) virem à Florianópolis por ocasião do *1st Symposium on Research in Syntactic Cartography* (SPeC), a professora Giuliana Giusti (Università Ca'Foscari di Venezia) também participou do simpósio, mas de forma remota. Neste evento, os professores abordaram tópicos importantes do empreendimento cartográfico, como localidade e movimento remanescente, a estrutura interna do sintagma nominal (definitude/indefinitude), relativas infinitivas e a periferia esquerda da sentença. No início de 2024, foi realizado na UFSC o *XIII Romania Nova*, novamente Ur Shlonsky nos presenteou com uma conferência, desta vez tratou de foco, localidade e movimento na área baixa da estrutura. Seguindo a diretriz metodológica guia da Cartografia, Shlonsky mostrou que a cópula pode ser a realização de um núcleo funcional selecionador de foco nas línguas em que ela aparece na sentença com a função focalizadora, como ocorre em português brasileiro e em alguns dialetos do espanhol. O autor explorou dados da gramática do PB recorrendo a trabalhos cartográficos de pesquisadores brasileiros.

No fim de 2023, tive o prazer de receber o Ur Shlonsky na UFSC, por um período de dois meses, como Professor Visitante, bolsista do Programa Capes Print. Neste período, Shlonsky ministrou um curso de Introdução à Cartografia Sintática, interagindo com os alunos da graduação e da pós-graduação sobre este programa de pesquisa. Sempre explorando os dados do PB e uma perspectiva de análise comparativa, Shlonsky tratou de diferentes fenômenos gramaticais que podem ser

explicados pela abordagem cartográfica. Os alunos puderam ver como o PB se comporta frente a outras línguas românicas, como o francês, italiano e espanhol. Também trouxe para a discussão as línguas africanas com a sua riqueza de núcleos funcionais visíveis. O professor Ur se tornou um grande colaborador dos pesquisadores brasileiros interessados na Cartografia, a quem agradeço muito. Em agosto deste ano, ele esteve na UFRJ também como bolsista Capes Print, foi mais uma oportunidade de difundir as pesquisas cartográficas e de estreitar parcerias.

O balanço que fazemos desde a chegada da cartografia Sintática no Brasil até os dias de hoje é sem dúvida alguma muito positivo! Conseguimos estreitar relações com pesquisadores cartográficos espalhados pelo mundo, descobrimos núcleos funcionais realizados na gramática do português brasileiro que corroboram com princípios basilares da Cartografia. A cada ano que passa, muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado são defendidas, aumentando o número de adeptos deste programa de pesquisa. As publicações em periódicos nacionais e internacionais e em livros cresceram bastante de 2001 para cá. São pesquisas que contribuem tanto com a área da sintaxe formal (e suas interfaces) quanto com o ensino de gramática, de língua (materna e estrangeira), afinal a abordagem estrutural e comparativa assumida pelos cartógrafos facilita a aprendizagem de uma segunda língua e a compreensão dos fenômenos gramaticais de uma língua materna.

As pesquisas desenvolvidas por muitos de nós cartógrafos têm ultrapassado fronteiras, chegando até mesmo em outros continentes, colocando o português brasileiro entre as línguas mais citadas por pesquisadores cartográficos, rompendo com o estigma de “língua exótica” (cf. Shlonsky, 2020). O sucesso da cartografia brasileira pode ser visto nas inúmeras conferências realizadas no *Zoom na Cartografia*, um projeto conjunto promovido pelo LaCaSa (Unicamp) e pelo NEG (UFSC), criado em 2021, com o objetivo de promover o debate sobre a Cartografia Sintática.<sup>9</sup> O formato do *Zoom na Cartografia* é on-line, nasceu em meio à pandemia

---

<sup>9</sup> Desde o início do *Zoom na Cartografia*, já contamos com a participação de Guglielmo Cinque (Università Ca’Foscari), Giuseppe Samo (Beijing Language and Culture University), Caterina Bonan (University of Cambridge), Christopher Laenzlinger (Université de Genève), Cecilia Polleto (Università Degli Studi di Padova), Luigi Rizzi (Collège de France), Fuzhen Susan Si (Beijing Language and Culture University), Yoshio Endo (Kanda University of International Studies), Adriana Belletti (Università Degli Studi di Siena), Xavier Villalba (Universitat Autònoma de Barcelona), Richard Kayne (New York University), Sam Wolfe (University of Oxford), Nicola Munaro (Università Ca’Foscari), Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa), Ur Shlonsky (Université de Genève), Adam Ledgeway (University of

de Covid-19, as conferências são transmitidas ora pelo canal do NEG ora pelo canal do LaCaSa no YouTube. Somente no fim de 2023 é que realizamos um *Zoom na Cartografia* híbrido, ocorrido durante o *Workshop Brazilian Portuguese under cartographic lenses*, em Florianópolis. O êxito deste projeto culminou na organização de um livro, que reunirá as pesquisas cartográficas desenvolvidas no Brasil, a ser publicado por uma editora internacional em 2025.

### **3) A partir do que foi feito nos últimos 25 anos, quais seriam as linhas de investigação mais promissoras dentro do programa da Cartografia Sintática no Brasil?**

Interessante receber essa pergunta porque foi justamente o que desencadeou a produção de um texto escrito por mim e pelo meu parceiro de trabalho professor Aquiles Tescari Neto, a convite do colega Carlos Felipe Pinto, para o dossiê dedicado aos estudos do *IV Encontro de Gramática Gerativa*, publicado recentemente na *Revista de Estudos Linguísticos e Literários* da UFBA.<sup>10</sup> Nosso artigo é intitulado “A propósito dos vinte e cinco anos do Programa Cartográfico no Brasil: hierarquias cartográficas e explanação teórica”, nosso objetivo foi o de reunir parte das pesquisas desenvolvidas no Brasil, que consideram o uso das hierarquias como uma explicação para diferentes tipos de fenômenos morfossintáticos. Como pontuamos na introdução desse material, a partir do trabalho pioneiro de Tarallo (1983), os linguistas brasileiros (em diferentes perspectivas de análise: Gramática Gerativa/formal, Sociolinguística, Gramática Funcional, etc., não mediram esforços para descrever o maior número de propriedades morfossintáticas do PB. Dessa forma, é natural que a Cartografia tenha se adaptado bem no país, afinal de contas puderam recorrer às hierarquias

---

Cambridge). Entre os colegas brasileiros que já participaram deste projeto estão Adriana Leitão Martins & Matheus Gomes Alves (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Patrícia Rodrigues (Universidade Federal do Paraná) e Marcus Lunguinho (Universidade de Brasília), Sonia Cyrino (Universidade Estadual de Campinas). Todas as conferências podem ser vistas no YouTube, para facilitar a busca, o leitor interessado pode encontrá-las em <https://sites.google.com/view/lacasa-pesquisaensino/zoom-na-cartografia>.

<sup>10</sup> O texto na íntegra pode ser acessado em <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/61694>.

cartográficas a fim de explicar fenômenos gramaticais distintos e também de interface. De certa forma, é possível dizer que a metodologia cartográfica ofereceu ferramentas para que os linguistas daqui pudessem descrever e explicar, além dos fenômenos gramaticais do PB, as propriedades morfossintáticas que caracterizam a nossa gramática como única, não apenas em se tratando das línguas românicas em geral, mas também quando comparada ao português europeu.

Assim, posso dizer que a Cartografia tem provido um conjunto estruturado de diretrizes metodológicas (*framework*) de descrição e análise para a investigação de fenômenos gramaticais do PB, encontrados nos três domínios distintos da hierarquia – CP, IP, VP. Quando pensamos na periferia esquerda da sentença, logo vem a mente os trabalhos de colegas brasileiros que, partindo dos achados cartográficos em línguas que apresentam partículas expressando diferentes tipos de força ilocucionária, de tópico e foco, de graus de evidencialidade, de atitude do falante, os quais tradicionalmente foram relegados à pragmática e à análise do discurso, têm mostrado que certos elementos lexicais do PB evidenciam que a estrutura sintática comporta elementos de significado relacionados ao discurso. Vale lembrar que de acordo com Rizzi e Cinque (2016), a sintaxe oferece aos componentes de interface PF e LF configurações hierárquicas transparentes e uniformes, sendo a abordagem criterial parte de um programa de “sintatização” de propriedades semânticas, pragmáticas e prosódicas. Desde a publicação de Miotto (2001) sobre o sistema CP no português brasileiro, temos pesquisas de mestrado e doutorado defendidas em diferentes regiões do Brasil, trabalhos sobre clivadas e pseudoclivadas, interrogativas, exclamativas-Wh, relativas livres, estratégias de focalização, sentenças com tópico, entre outros. Também verificamos muitas publicações em periódicos especializados e livros evocando às hierarquias cartográficas como um constructo capaz de explicar fenômenos que envolvem a parte alta da estrutura.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Menciono alguns dos trabalhos que foram brevemente descritos no artigo que Tescari Neto e eu publicamos em junho deste ano. Miotto e Kato (2005) investigam as sentenças interrogativas do PB levando em consideração o critério-Wh (cf. Rizzi 2001). Os autores verificam que o PB se distancia muito do português europeu para satisfazer esse critério. Guessier e Quarezemin (2013), por exemplo, trataram do comportamento sintático e pragmático-discursivo das sentenças clivadas, nos casos de focalização do sujeito e do objeto no PB. Quarezemin (2014) apresentou uma análise que mostra uma assimetria entre sujeito e objeto quando focalizados na periferia esquerda da sentença. Em se tratando de foco e clivadas, também temos o trabalho de Silveira (2020), que determina a posição de categorias envolvidas em construções de clivagem a partir da hierarquia do sistema CP. Pereira (2020) apresenta um estudo detalhado sobre a ocorrência do advérbio ‘lá’ em diferentes posições estruturais dentro do

Em se tratando do *middlefield*, a expansão de IP, também observamos que as diretrizes metodológicas da Cartografia guiaram uma série de trabalhos no Brasil, com foco especial no ordenamento dos advérbios. O primeiro registro é datado de 2003, um artigo de Tosqui e Longo sobre a sintaxe dos advérbios modalizadores. As autoras verificaram que advérbios modalizadores de classes distintas seguem a mesma ordem identificada na hierarquia universal de Cinque (1999). Ainda tratando da hierarquia de advérbios, Santanna (2010), por meio da técnica psicolinguística do processamento, comprova em sua pesquisa de doutorado que a hierarquia de Cinque é válida para a ordenação dos advérbios em PB. Esses foram os primeiros trabalhos que testaram a validade da hierarquia cinqueana na gramática do PB. Outros estudiosos brasileiros voltaram sua atenção para o domínio IP recorrendo às hierarquias como um *explanans* (cf. Quarezemin; Tescari Neto, 2024). Nesse sentido, a pesquisa de doutorado de Tescari Neto (2013) sobre o movimento do verbo no PB pode ser considerada um marco inicial, abrindo espaço para uma série de trabalhos<sup>12</sup> cujo foco era a investigar a proliferação de núcleos dentro de IP associados a uma interpretação específica da frase conforme a altura do advérbio.

Os resultados dessas pesquisas corroboram a tese de mapeamento direto das estruturas da sintaxe estreita (*Narrow Syntax*) aos componentes de interface, neste

---

domínio CP, cada uma delas corresponde a uma interpretação distinta desse advérbio. Pesquisas que tratam de mudança, a linguística diacrônica, também se beneficiaram com a vinda da metodologia cartográfica para o Brasil, como pode ser visto no trabalho de Pinto (2020). Ainda encontramos trabalhos sobre as exclamativas-Wh e núcleos distintos em CP, como Medeiros Júnior e Siero (2020), Lima (2020) e Lima e Tescari Neto (2020, 2023); sobre sujeitos-wh em sentenças finitas, como o estudo de Medeiros Júnior (2020), sobre a gramaticalização e pragmatização de 'capaz' em PB, como mostram Rodrigues e Lunguinho (2019, 2021); sobre a sintaxe de *quando* e *onde* de *denegação*, tópico abordado por Souza (2023).

<sup>12</sup> Assim como fiz na nota anterior, deixo registrado nesta entrevistas referência a estudos que tomam a hierarquia das projeções funcionais do domínio IP para analisar fenômenos gramaticais do PB. O leitor interessado pode consultar o trabalho de Bergamini-Perez (2019), que lançou mão de testes com advérbios para verificar a altura possível de elementos soldados em vP/VP; o estudo de Sousa (2020), que diferentemente do que propuseram Guesser, Sousa e Kédochim (2019a), mostra que o adjunto de incredulidade 'como assim' se combina com advérbios mirativos e evidenciais sendo, portanto, soldado externamente dentro de IP; os trabalhos de Lima (2020) e Lima e Tescari Neto (2020, 2023) sobre as categorias envolvidas na derivação de exclamativas-wh, recorrendo para tanto aos testes de coocorrência de advérbios; Souza de Paula (2022) que atestou a soldagem de orações adverbiais distintas em projeções que correspondem interpretativamente à hierarquia de Cinque (2006). O leitor que busca um estudo mais amplo da metodologia cartográfica de uso dos advérbios como um diagnóstico dos traços envolvidos na derivação de uma sentença pode acessar o trabalho de Tescari Neto, Bergamini-Perez e Lima (2024).

caso, ao sistema conceitual-intencional. Rizzi (2013) emprega o termo “*naked eye*” (a olho nu), remetendo ao fato de que as estruturas sintáticas são como cristais, sendo transparentes à forma lógica e à forma fonológica. Além do estudo de advérbios, os desdobramentos dentro do domínio IP também são explorados enquanto um *explanans* quando o assunto é a sintaxe do sujeito (cf. Cardinaletti, 1997, 2004, 2014; Rizzi; Shlonsky, 2007).<sup>13</sup> Em 2016, por ocasião do meu estágio pós-doutoral realizado na Università Ca’Foscari di Venezia, investiguei junto a Anna Cardinaletti o comportamento da posição sujeito pré-verbal do PB, que parece ser bastante liberal com relação ao tipo de constituinte que pode aparecer nessa posição, o que resultou em um texto intitulado *Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian* (Quarezemin; Cardinaletti, 2017). Neste trabalho, recorreremos a hierarquia das projeções de sujeito dentro do *middlefield*, a fim de mostrar como diferentes tipos de sujeito podem ocupar posições também distintas dentro de IP.

Por fim, chegamos a parte baixa da estrutura, chamada na literatura cartográfica de periferia-vP (cf. Belletti, 2001, 2004). Este domínio também é explorado por pesquisadores interessados em foco e tópico, por exemplo, que não envolvem deslocamento para a periferia esquerda da sentença. Em Miotto (2003), já encontramos referência ao fato de que constituintes focalizados e topicalizados *in situ* devem ocupar as projeções FocP e TopP, respectivamente, acima de vP, para que sejam devidamente interpretados e acentuados em LF e PF. De acordo com a hipótese do mapeamento transparente assumida pela Cartografia, os componentes de interfaces devem ser capazes de acessar a frase diretamente da sintaxe estreita. Nesse sentido, Quarezemin (2009, 2012, 2020a) mostra que o objeto foco de informação/não-contrastivo no PB deixa a posição de argumento interno de VP para ser devidamente interpretado em uma posição baixa de foco. A autora também recorre ao expediente metodológico dos testes de advérbios para verificar a altura dessa posição. Já em se tratando da focalização não-contrastiva do sujeito, Guessier (2007) observa que o PB tem o mesmo comportamento do francês, recorrendo a estratégia clivada para manter o sujeito em posição de foco na periferia da cópula (cf. Belletti, 2009). As línguas que

---

<sup>13</sup> O leitor interessado na cartografia de posições do sujeito pode recorrer aos trabalhos de Quarezemin (2017) sobre sujeito, tópico e a arquitetura da gramática do PB; Quarezemin (2019, 2020b) e Kriek (2021) sobre a cartografia das posições de sujeito nas sentenças em que ele aparece duplicado; Reis (2022) sobre a posição de linearização da projeção funcional SubjP em se tratando de uma sentença com sujeito locativo.

permitem inversão livre, como o italiano e o português europeu, reservam a posição pós-verbal para focalizar o sujeito foco de informação.

Cyrino (2023) também recorre ao expediente cartográfico ao investigar a estrutura da sentença negativa com o marcador negativo ‘não’ aparecendo na parte baixa da estrutura (ex. Pedro está não comendo bem). A autora apresenta uma série de propriedades sintático-semânticas, que evidenciam a ocorrência desse ‘não’ baixo como a realização morfológica de Foc<sup>Neg</sup> em PB (cf. Cyrino, 2023, p. 38). Outros tipos de sentenças do PB nas quais as projeções de tópico e foco são projetadas na hierarquia funcional de vP são as interrogativas-QU *in situ*, as sentenças com sujeito duplicado por um pronome no fim da frase, uma espécie de redobro do sujeito à direita, e as sentenças-ser focalizador. No caso das interrogativas-QU *in situ*, Kato (2020) verifica que apenas nas perguntas-eco a expressão-Wh permanece na posição temática, estando realmente *in situ*, enquanto nas demais interrogativas-QU (aparentemente) *in situ* ocorre uma espécie de movimento curto para o especificador da projeção de foco na periferia de vP. Com relação ao segundo tipo de sentença, D’Almeida e Quarezemin (2024)<sup>14</sup> apresentam um conjunto de dados coletados a partir das redes sociais e de entrevistas com o sujeito pré-verbal sendo duplicado por um pronome no fim da frase. Os autores, então, empregam alguns testes utilizados nas pesquisas cartográficas sobre foco e tópico, como o contexto *out-of-the-blue* e as perguntas-Qu, a fim de identificarem qual a melhor forma de analisar o pronome que recupera o sujeito no fim da frase. Ainda verificam por meio do teste da inserção de advérbios a altura dentro do domínio de VP em que esse elemento final é projetado. D’Almeida e Quarezemin verificam que as sentenças-alvo não podem aparecer em contexto de foco, e que a posição do pronome à direita é sempre abaixo dos advérbios baixos na hierarquia cinqueana. No que se refere ao terceiro tipo de sentença do PB, as sentenças-ser focalizador, Quarezemin (no prelo), verifica que a análise de Shlonsky (2024) para os casos de reversão sujeito-objeto em bantu e para as sentenças copulares invertidas, funciona perfeitamente para os casos em que a cópula funcional ser aparece nas sentenças em busca do elemento que deve ser destacado como foco. A autora, então, recorre a diretrizes cartográficas basilares, como localidade, minimalidade relativizada e a configuração criterial, a fim de explicar o comportamento das sentenças-ser

---

<sup>14</sup> Texto publicado neste número especial da ReVEL sobre Cartografia Sintática.

focalizador na gramática do PB.<sup>15</sup> Nos três casos citados, os fenômenos também são explicados partindo da hierarquia como um *explanans*, assim como os demais estudos mencionados.

#### **4) Quais interfaces podem ser exploradas a partir da Cartografia? Ensino de língua, linguística computacional, patologias de linguagem...**

Os mapas estruturais detalhados a partir da investigação minuciosa de núcleos funcionais realizados em diferentes línguas, objetivo primordial da Cartografia Sintática, oferecem uma poderosa ferramenta para a sintaxe comparativa, essas ferramentas permitem que os estudiosos consigam expressar similaridades e variações interlinguísticas. Na entrevista de Luigi Rizzi concedida a mim em 2020, ele enfatiza a “capacidade heurística” dessa uma linha de pesquisa que promove um trabalho interdisciplinar envolvendo tanto questões de pesquisa fundamental quanto aplicações práticas. Quando entrevistado por Tescari Neto et al. (2021), Shlonsky também ressalta o fato de a Cartografia interagir de muitas maneiras com pesquisas teóricas e descritivas sobre computações sintáticas, fornecendo uma base para pesquisas aplicadas, desde a aquisição de primeira e segunda língua até patologia da linguagem e a linguística computacional. É possível dizer que vivemos um momento frutífero de expansão da Cartografia, com diferentes campos da linguística partindo das hierarquias reveladas por esse programa de pesquisa, como verificamos em pesquisas desenvolvidas dentro da Linguística Clínica, Aquisição da Linguagem, Psicolinguística e Linguística Diacrônica.

A Cartografia acredita que a sintaxe é o resultado de uma computação regida por traços morfossintáticos, então, é esperado que os traços relevantes sejam parte da Gramática Universal, uma dotação genética dos indivíduos (cf. Cinque; Rizzi, 2010a; Shlonsky, 2010). Nesse sentido vale destacar aqui a abordagem “*Growing Trees*” de

---

<sup>15</sup> Mioto (2012) e Kato e Mioto (2016) denominaram de semiclivadas as sentenças com a cópula se comportando como um focalizador. Nesses estudos os autores consideram esse tipo de focalização como sendo restrita aos contextos de contraste/correção, assumindo, então, que o foco está na periferia esquerda da sentença. Diferentemente dos autores, a análise apresentada por Quarezemin (no prelo) mostra que as sentenças-ser focalizador ocorrem com naturalidade em contextos restritos ao foco de informação. A autora ainda explora fatos de concordância que não foram observados por Mioto (2012) e Kato e Mioto (2016), além de assumir a análise recente de Shlonsky (2024), que trata da cópula como sendo a realização morfológica de um núcleo funcional especializado na seleção do foco (o núcleo Self).



Friedmann, Belletti e Rizzi (2021). Os autores partiram dos resultados de pesquisa sobre a cartografia da periferia esquerda para tratar da ordem de aquisição de primeira língua em relação às construções periféricas esquerdas em hebraico. Rizzi (2020) propõe que métodos análogos podem ser considerados para aquisição bilíngue, bem como para o estudo de patologias de desenvolvimento relacionadas à linguagem e de perda de linguagem em patologias adquiridas.

A relação dos estudos cartográficos com a linguística computacional também tem ganhado destaque. Chesi (2005, e trabalhos posteriores) propõe uma abordagem que combina os resultados cartográficos e o modelo computacional *top-down*. Ainda nessa esfera, Samo e Merlo (2019) recorrem a métodos computacionais quantitativos para tratar de questões da cartografia e localidade. Outra área que tem se beneficiado bastante dos achados cartográficos é a Nanossintaxe, que inclusive teve uma edição especial aqui na ReVEL, organizada pelas Ferreira, Rammé e Wachowicz (2021). Assim como os mapas estruturais das sentenças, os estudiosos da Nanossintaxe identificam e descrevem com os mesmos mecanismos cartográficos estruturas em níveis menores, morfemas, palavras e sintagmas, analisando detalhadamente um conjunto de traços sintático-morfológico-semânticos. É possível verificar nesses trabalhos uma ênfase a questões morfossintáticas e morfofonológicas, bem como o interesse pela interface entre sintaxe e semântica.

Outro ponto que merece destaque é o que foi levantado por Shlonsky (2021), como parte da agenda na Europa hoje, o ensino de línguas para a população refugiada, o que também se aplica ao Brasil também. Shlonsky fez parte de um projeto que oferecia um treinamento em linguística básica para professores de francês, fornecendo ferramentas para que pudessem entender a estrutura de algumas das primeiras línguas faladas pela população de refugiados. O autor afirma que, a partir dos pressupostos básicos da Cartografia, é possível desenvolver desenvolver métodos de ensino bem-sucedidos com base na comparação gramatical. Rizzi (2020) ainda faz alusão a uma sessão especial dirigida às pesquisas voltadas à aplicação didática da metodologia cartográfica, ocorrida durante o *3d International Workshop on Syntactic Cartography*, realizado na Beijing Language and Culture University em 2019. Nessa ocasião, Tescari Neto (UNICAMP) apresentou estratégias fundamentadas no estudo de Cinque (1999) que podem ser utilizadas pelos professores de segunda língua para

tratar da ordem dos advérbios e da ordenação entre as formas adverbiais e verbais na construção hierárquica da sentença.

Ainda sobre a interface da Cartografia com ensino de línguas e com a Educação Básica, ressalto a importância de um ensino de gramática que se volte para as estruturas das línguas, para os estudos comparativos. Nesse aspecto, deixo aqui o comentário de Shlonsky (2021) a respeito do fato de que compreender o mecanismo estrutural na formação de sentenças pode ser um fator crucial para o sucesso do ensino de línguas na Educação Básica.

Here, in Geneva, the first foreign language taught to school children is German. The results are a total failure: after 7, 8 years of German, the children cannot write a paragraph! They spend hours learning grammar, but since the approach is not structural, or comparative, they simply never get it. In my first-year syntax class at the University, I show the students basic German word order – OV in the verb phrase and V2 in CP – in 25 minutes, by comparing it to French. I have tried to do this with my school-age children, and it took about 1 hour. At the end, they completely understood it. I think that linguists have an important role to play in designing curricula for language teaching at all levels by relying to theoretically-sound descriptions of the students' mother tongue.<sup>16</sup> (Shlonsky, 2021, p. 9)

**5) Para fechar a entrevista, costumamos solicitar aos entrevistados e às entrevistadas que indiquem materiais de referência sobre o tema de nossa edição. No caso da Cartografia, quais materiais (livros, manuais, blogs) podem ser úteis para quem inicia os estudos no programa da Cartografia Sintática?**

Além dos trabalhos comentados nesta entrevista, deste número especial sobre a Cartografia Sintática, das conferências realizadas no projeto *Zoom na Cartografia*, indico o volume da revista *Linguística*, intitulado sobre projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe, organizado por Medeiros e Martins (2019), o livro

---

<sup>16</sup> Aqui, em Genebra, a primeira língua estrangeira ensinada para as crianças em idade escolar é o alemão. Os resultados são um fracasso total: depois de 7, 8 anos de alemão, as crianças não conseguem escrever um parágrafo! Elas passam horas aprendendo gramática, mas como a abordagem não é estrutural ou comparativa, elas simplesmente nunca entendem. Na minha aula de sintaxe do primeiro ano na Universidade, mostro aos alunos a ordem de palavras básica do alemão – OV no sintagma verbal e V2 em CP – em 25 minutos, por meio da comparação com o francês. Tentei fazer isso com meus filhos em idade escolar, levou cerca de 1 hora. No final, eles entenderam completamente. Acho que os linguistas têm um papel importante na construção de currículos para o ensino de línguas em todos os níveis, confiando em descrições teoricamente sólidas da língua materna dos alunos. (tradução livre)

organizado por mim e Tescari Neto (2020) sobre a sintaxe do PB em perspectiva cartográfica; o manual de introdução à sintaxe cartográfica de Tescari Neto (2021), o capítulo de Negrão (2017) no livro *Novos Caminhos da Linguística*, organizado por Fiorin, os capítulos que tratam de Cartografia em Pires de Oliveira et al. (2020). Na página do projeto internacional *SynCart*, hospedada no site da Université de Genève (<https://www.unige.ch/lettres/linguistique/research/syntax-and-psycholinguistics/syncart/home>), o leitor poderá encontrar textos, handouts, slides sobre a abordagem cartográfica, vale a pena ser visitada. Também recomendo as páginas dos laboratórios e núcleos de estudo brasileiros indicadas em nota de rodapé nesta entrevista, listadas aqui por conveniência: do LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino (<https://sites.google.com/view/lacasa-pesquisaeensino>), do NEG – Núcleo de Estudos Gramaticais (<https://neg.cce.ufsc.br>), do BioLing – Biologia da Linguagem (<http://www.bioling.lettras.ufrj.br>), do Núcleo de Estudos sobre o Movimento do Verbo – (<https://cfcpinto.wixsite.com/move>).

### Referências bibliográficas

- ABNEY, Steven P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Ph.D. Dissertation, MIT, 1987.
- ABOH, Enoch. *The Morphosyntax of Complement-Head Sequences*. New York: Oxford University Press, 2004.
- BAKER, Mark. The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation. *Linguistic Inquiry*, v. 16, n. 3, p. 373-415, 1985.
- BELLETTI, Adriana. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg and Sellier, 1990.
- BELLETTI, Adriana. *Aspects of the low IP area*, ms, Università di Siena, 2001.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. (org.). *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.
- BERGAMINI-PEREZ, João Francisco. Da importância das hierarquias cartográficas como ferramental metodológico: o caso de em x tempo. *Cadernos de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 5, n. 2, p. 62-71, 2019.

BILOA, Edmond. *The Syntax of Tuki. A Cartographic Approach*. Amsterdam: Benjamins, 2013

CARDINALETTI, Anna. Subjects and clause structure. In: HAEGEMAN, L. (org.). *The new comparative Syntax*. London: Longman, 1997.

CARDINALETTI, Anna. Towards a Cartography of Syntactic Positions. In: L.Rizzi (ed.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol.2. New York: Oxford University Press, 2004, p. 115-165.

CARDINALETTI, Anna. Cross-linguistic variation in the syntax of subjects. In: PICALLO, M. Carme (org.). *Linguistic Variation in the Minimalist Framework*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 82-107.

CHESI, Cristiano. *Phases and Cartography in Linguistic Computations*, PhD thesis, University of Siena, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalizations. In: R. A. Jacobs, P. S. Rosenbaum (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn and Company, 1970, p. 184-221.

CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: M.Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001, p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads. A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. (ed.). *Functional Structure in DP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol.1, New York: Oxford University Press, 2002.

CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, Guglielmo. *The Syntax of Adjectives. A Comparative Study*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. In *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, ed. B Heine, H Narrog. New York: Oxford Univ. Press, 2010a, p. 51-65.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. (eds). *The Cartography of Syntactic Structures, vol. 6: Mapping Spatial PPs*. New York: Oxford Univ. Press, 2010b.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. Functional Categories and Syntactic Theory. *Annual Review of Linguistics*, vol. 2, 2016, p. 139-163.

CYRINO, Sonia. More on the diachrony of não in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no Semantics & Linguistic Theory 33, 2023.

DURRLEMAN-TAME, Stephanie. *The Syntax of Jamaican Creole*. Amsterdam: Benjamins, 2008.

ENDO, Yoshio. *Locality and Information Structure – A Cartographic Approach to Japanese*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

FERREIRA, Thayse Letícia; RAMMÉ, Valdilena; WACHOWICZ, Teresa (orgs.). Investigações em nanossintaxe. *ReVEL*, v. 19, n. 18, 2021.

FRIEDMANN, Naama; BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Growing trees: The acquisition of the left periphery. *Glossa: a journal of general linguistics* 6(1): 131, 2021.

GUESSER, Simone. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portuguese Brasileiro*. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado) – Università di Siena.

GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística*, v. 9, n. 1, p. 188-208, 2013.

GUESSER, Simone; SOUSA, Raquel; KÉDOCHIM, Flore. Perguntas com sintagmas-wh adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com ‘como assim’ em PB. *Revista Linguística*, v. 15, n. 3, p. 88- 117, 2019a.

KATO, Mary. O Português Brasileiro: uma língua de movimento-wh opcional?. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 73-90.

KRIECK, Letícia Emília. A cartografia dos pronomes resumptivos pessoais da construção de sujeito duplo do português brasileiro: uma proposta sincrônica. *Revista Linguística*, v. 17, n. 3, p. 82-99, 2021.

HALE, Kenneth; KEYSER, Jay S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. L. Hale, S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20: A Festschrift for Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993, p. 53-109.

JAYASEELAN, K. A. Topic, Focus and Adverb Positions in Clause Structure. *Nanzan Linguistics*, vol 4, 2008, p. 43–68.

KATO, Mary A.; MIOTO, Carlos. Pseudo-clefts and semi-clefts. In: Mary A. Kato, Francisco Ordóñez (eds.), *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 2016, p. 286–306.

KAYNE, Richard S. Some notes on comparative syntax, with special reference to English and French. In: G.Cinque, R.S.Kayne (eds.) *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005a, p. 3-69.

KAYNE, Richard S. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005b.

KAYNE, Richard S. On Parameters and on Principles of Pronunciation. In: H.Broekhuis, N. Corver, R. Huybregts, U. Kleinhenz, J. Koster (eds.) *Organizing Grammar. Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 289-299

KRAPOVA, Ilyana; CINQUE, Guglielmo. On the order of wh-phrases in Bulgarian multiple wh-fronting. In: G Zybatow, L Szucsich, U Junghanns, R Meyer (eds.) *Formal Description of Slavic Languages: The Fifth Conference*. Leipzig, Frankfurt, Ger.: Peter Lang, 2008, p. 318-336.

LAENZLINGER, Cristopher. French adjective ordering: perspectives on DP-internal movement types. *Lingua* 115, 2005, p. 645–89.

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, 1988, p. 335- 391.

LIMA, Bruno Ferreira de. *A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LIMA, Bruno Ferreira de; TESCARI NETO, Aquiles. Propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh: categorias, hierarquias e derivações. *Revista Letras*, v. 101, 2023, p. 178– 205.

LIMA, Bruno Ferreira de; TESCARI NETO, Aquiles. On the role of IP-related functional categories in the derivation of wh-exclamatives. In: GUESSER, Simone; MARCHESAN, Ani; MEDEIROS JUNIOR, Paulo (orgs.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. 1ed. Berlin: De Gruyter, 2023, p. 53-83.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de.; MARTINS, Adriana Leitão (orgs.). Projeções funcionais, cartografia sintática e nanossintaxe. *Revista Linguística*, v. 15, n. 3, 2019.

MEDEIROS JÚNIOR, Paulo; SIERO, Pedro Luiz Moraes. Que lindo o que vocês fizeram! - Brazilian Portuguese wh-exclamatives and the evidence for a split force. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 1, p. 1-29, 2020.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. *Revista Letras*, n. 56, 2001, p. 97- 139.

MIOTO, Carlos. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, v. 61, dez. 2003.

MIOTO, Carlos. Reduced pseudoclefts in Caribbean Spanish and Brazilian Portuguese. In: BIANCHI, Valentina; CHESI, Cristiano (orgs.). *ENJOY LINGUISTICS! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday*. Siena: CISCL, 2012, p. 287–302.

MIOTO, Carlos; KATO, Mary A. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da abralin*, v. 4, n. 1 e 2, 2005, p. 171-196.

NEGRÃO, Esmeralda. A Cartografia Sintática. In: Fiorin, José Luiz (org.) *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 61-82.

PEARCE, Elizabeth. Topic and focus in a head-initial language: Maori. Toronto: *Working Papers in Linguistics*, vol 16, 1999, p. 249–263.

PEREIRA, Bruna Karla. A sintaxe de 'lá' na cartografia do CP. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 147-168.

PINTO, Carlos Felipe. A periferia esquerda em línguas V2 e línguas não V2. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 169-198.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; EMMEL, Ina; QUAREZEMIN, Sandra (orgs.). *Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics. 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020.

POLETTTO, Cecilia. *The Higher Functional Field. Evidence from Northern Italian Dialects*. NewYork: Oxford University Press, 2000.

POLLOCK, Jean Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistics Inquiry*, vol 20, 1989, p. 365–424.

PUSKÁS, Genoveva. *Word Order in Hungarian: The Syntax of A'-Positions*. Amsterdam: Benjamins, 2000.

QUAREZEMIN, Sandra. *As estratégias de focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica*. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

QUAREZEMIN, Sandra. Sujeito e objeto focalizados nas sentenças SVO do português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 9, n. 3, 2012, p. 203-214.

QUAREZEMIN, Sandra. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. *Revista Letras*, Paraná, v. 96, p. 196 – 218, 2017.

QUAREZEMIN, Sandra. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. *Revista da Anpoll*. v. 1, n. 48, p. 52 – 63, 2019.

QUAREZEMIN, Sandra. Uma introdução à Periferia-vP: foco e tópico. In: QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles (orgs.). *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020a, p. 45-72.

QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian double subjects and sentence structure. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; EMMEL, Ina; QUAREZEMIN, Sandra (orgs.). *Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics. 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020b, p. 108 – 134.

QUAREZEMIN, Sandra. Brazilian Portuguese focalizing ser construction: focus on Self. (no prelo) In: BAUNAZ, Lena; BOCCI, Giuliano; NEVINS, Andrew (orgs.). *The Ziggurat of Grammar*.

QUAREZEMIN, Sandra; CARDINALETTI, Anna. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. *Rivista Annali di Ca' Foscari. Serie occidentale*, Itália, v. 51, 2017, p. 383 – 409.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. *A sintaxe do português brasileiro em perspectiva cartográfica*. Campinas: Pontes, 2020.

QUAREZEMIN, Sandra; TESCARI NETO, Aquiles. A propósito dos vinte e cinco anos do Programa Cartográfico no Brasil: hierarquias cartográficas e explanação teórica. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 77, 2024, p. 470–531.

REIS, Livia de Mello. *A cartografia dos locativos pré-verbais no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2022.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: L Haegeman (ed) *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht, Neth.: Kluwer, 1997, p. 281–337.



RIZZI, Luigi (ed.) *The Cartography of Syntactic Structures: The Structure of IP and CP*, vol. 2. New York: Oxford Univ. Press, 2004b.

RIZZI, Luigi. Delimitation Effects and the Cartography of the Left Periphery. In: Grewendorf, Günther, Zimmermann, Thomas (ed.). *Discourse and Grammar: From Sentence Types to Lexical Categories*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 115-139.

RIZZI, Luigi. On the elements of syntactic variation. In: C Piccolo (ed.) *Linguistic Variation in the Minimalist Framework*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 13–35.

RIZZI, Luigi. Cartography, Left Periphery and Criterial Positions: an interview with Luigi Rizzi. [Entrevista concedida a] Sandra Quarezemin. *DELTA, Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol 36, n. 1, 2020.

RIZZI, Luigi, CINQUE, Guglielmo. Functional Categories and Syntactic Theory. *Annual Review of Linguistics*, vol 2, 2016, p. 139-163.

RIZZI, Luigi, SHLONSKY, Ur. 2007. Strategies of subject extraction. In: H-M Gärtner, U Sauerland (ed.) *Interfaces + Recursion = Language? Chomsky's Minimalism and the View from Syntax–Semantics*. Berlin: de Gruyter, 2007, p. 115–60.

RODRIGUES, Patricia; LUNGUINHO, Marcus V. A gramaticalização de capaz em português brasileiro e em espanhol. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 63, p. 1-19, 2021.

RODRIGUES, Patricia; LUNGUINHO, Marcus V. A pragmatização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 27, p. 549-574, 2019.

SAMO, Giuseppe; MERLO, Paola. Intervention effects in object relatives in English and Italian: a study in quantitative computational syntax. In: *Proceedings of the First Workshop on Quantitative Syntax* (Quasy, SyntaxFest 2019). Paris, France, 2019, p. 46-56.

SANTANNA, Mauro Simões. *Sintaxe e processamento de advérbios no português brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro.

SAITO, Mamoro. Semantic and Discourse Interpretation of the Japanese Left Periphery. In: Nomi Erteschik-Shir, Lisa Rochman (eds.) *The Sound Patterns of Syntax*. Oxford University Press, Oxford, 2010, p. 140-173.

SALVI, Gianpaolo. Some firm points on Latin word order: the left periphery. In: Kiss,

Katalin É. *Universal Grammar in the Reconstruction of Ancient Languages*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2005, p. 429-456.

SHLONSKY, Ur. Subject positions and copular constructions. In: H.Bennis, M. Everaert, E. Reuland (eds.) *Interface strategies*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2000, p. 325-347.

SHLONSKY, Ur. The Cartographic Enterprise in Syntax. *Language and Linguistics Compass*, 4/6, 2010, p. 417-429.

SHLONSKY, Ur. From Bantu subject-object reversal to inverted copular sentences : how “low” focalization and smuggling circumvent Relative Minimality violations. In: Bocci, Giuliano, Botteri, Daniele, Manetti, Claudia, Moscati, Vincenzo (eds.) *Rich Descriptions and Simple Explanation in Language Structure and Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2024, p.1-27.

SHLONSKY, Ur. General Linguistics and Cartography: an Interview with Ur Shlonsky. [Entrevista concedida a] Aquiles Tescari Neto, Núbia Saraiva Ferreira, Simone Guesser. *Revista Letras*, v. 101, mar. 2021, p.6-15.

SILVEIRA, Damaris Matias. *Foco e cartografia: aspectos formais das estruturas clivadas do português brasileiro*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis.

SOUSA, Raquel. *"Onde que isso é uma interrogativa-wh?": um estudo cartográfico sobre sentenças de denegação com onde e quando no PB*. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOUZA DE PAULA, Wellington Michel. *Um estudo cartográfico da posição de soldagem das orações adverbiais centrais*. 2022. 113p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SVENONIUS, Peter. The position of adjectives and other phrasal modifiers in the decomposition of DP. In: L.McNally, C.Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2008a.

TESCARI NETO, Aquiles. On verb movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study, 2013. 392p. Tese (Doutorado em Scienze del Linguaggio) – Università Ca’Foscari di Venezia.

TESCARI NETO, Aquiles. *Sintaxe gerativa: uma introdução à cartografia sintática*. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

TESCARI NETO, Aquiles; BERGAMINI-PEREZ, João Francisco; LIMA, Bruno Ferreira de. Diagnosing features in syntactic derivation: the role of adverbs. Manuscript, Universidade Estadual de Campinas, 2024.

TOSQUI, Patricia; LONGO, Beatriz. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. Alfa, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2003.

TSAI, Dylan. Left Periphery and Why-How Alternations. National Tsing-Hua University, Taiwan, 2007.

### **Editoras e editores**

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

Qualis A2

ISSN 1678-8931

www.revel.inf.br